

Nióbio

O teatro da comunidade imaginária

Jorge Palinhos



Nióbio,
 texto e direcção de
 Ana Vitorino
 e Carlos Costa, *Visões
 Úteis* /Guimarães 2012
 (Λ < Ana Vitorino,
 Ana Azevedo
 e Carlos Costa;
 > João Martins,
 Carlos Costa
 e Ana Vitorino),
 fot. Paulo Pimenta.
 ^
 <>

Título: Nióbio (2012). *Criação:* Ana Vitorino e Pedro Carreira. *Cenografia e Figurinos:* Inês de Carvalho. *Música:* João Martins. *Interpretação:* Ana Azevedo, Ana Vitorino, Carlos Costa, João Martins e Pedro Carreira. *Produção:* *Visões Úteis* e Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura. *Local e data de estreia:* Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 7 de Junho de 2012.

O Principado de Sealand foi fundado em 1975 por Paddy Roy Bates numa antiga fortaleza britânica da Segunda Guerra Mundial, tendo o próprio Bates redigido a constituição do estado e assumido o manto de príncipe. No entanto, em 1978, o seu primeiro-ministro, Alexander Achenbach, orquestrou um golpe de estado, tomando a nação de assalto com o auxílio de mercenários holandeses e alemães equipados com helicópteros e *jet skis*. Bates acabou por

conseguir recuperar Sealand e expulsar Achenbach, que se exilou na Alemanha, tendo aí constituído o Governo Rebelde de Sealand.

Apesar da sua turbulenta história, Sealand é apenas uma das muitas micronações que todos os anos surgem na Europa, América e Oceânia, movidas por ideais utópicos, escapistas ou comerciais. De língua portuguesa existem pelo menos o Reino Unido de Portugal e Algarves, o Reino

Jorge Palinhos
 é dramaturgo, escritor
 e docente universitário.
 É ainda editor da
 revista *Drama* e
 bolseiro da FCT. Está a
 realizar uma tese de
 doutoramento na área
 da dramaturgia
 contemporânea.

de Pathros, a República de Porto Claro, o Cordial Reino de Kelterspruf, a Comunidade Livre de Pasárgada, o Principado de Sofia e o Principado da Pontinha.

Estas nações fictícias são, é claro, elaboradas *performances* em que pessoas normais se fingem monarcas de estados imaginários, encenando todos os elementos associados a um Estado real. E terá sido por terem compreendido a natureza teatral destas micronações que a companhia portuguesa Visões Úteis transportou o conceito para dentro do próprio teatro, oferecendo-nos *Nióbio*.

A peça gira em torno das três personagens que habitam Nióbio, interpretadas por Ana Azevedo, Ana Vitorino e Carlos Costa, mais um músico (João Martins) e uma lagosta, que virá a tornar-se no símbolo da nação. Nenhuma das personagens tem nome e, na verdade, pouco se distinguem entre si, visto que os criadores parecem mais interessados em explorar as complexidades inerentes ao funcionamento de um Estado, do que em fazer uma abordagem psicológica. As três personagens principais surgem-nos pela primeira vez a deliciarem-se com uma taça de gelado, mas é esse gelado, e a consciência da sua finitude, que gera uma crise nas personagens e as leva à revolta e à vontade de fundar a sua própria nação, separada de "o Portugal", como dizem.

As personagens abalançam-se, então, com entusiasmo, a criar o seu novo país, escolhendo o nome Nióbio da tabela periódica dos elementos, e inventando um fundador, uma História cheia de "crianças a chorar... gritos de mães... ossos a estalar e talvez um bocadinho de sangue", um lema, um hino, uma identidade e uma língua, cuja aplicação é adiada "por uma questão pragmática". No entanto, a ilusão nacionalista dos niobianos é posta em causa pela chegada de um alto funcionário de "o Portugal" (Pedro Carreira), que considera o projeto "muito interessante, muito criativo e original", mas não lhe compreende "o âmbito" e se preocupa com a falta de "comércio, negócios, dinheiro..."

Tal lacuna lança os niobianos numa busca desvairada por fontes de rendimento para o seu país, incluindo vários esquemas para viver à custa da Alemanha, produzir "adubo aromático" para venda, incentivar o turismo e, por fim, à moda do que fazem "no Portugal", casar com estrangeiros ricos.

Mas a impossibilidade prática destas ideias gera o desespero dos niobianos, que se sentem incapazes de viabilizar o seu país. Tal consciência corre em paralelo com um empobrecimento generalizado de "o Portugal", cujo representante, antigo funcionário de uma entidade pública, se torna posteriormente vendedor de seguros e, no final, entregador de pizzas, que os niobianos acabaram tristemente por comer.

A peça desenrola-se num clima de farsa, em tons excessivos e histriónicos, devedores do teatro de Jarry, o que contrasta com a extrema racionalidade da construção da peça, que por vezes se assemelha a um laboratório cujas personagens-cobaias procuram sair do seu labirinto nacional. Tal racionalidade é sublinhada pelo discurso das personagens, cujas falas se encadeiam de forma lógica,

não enfática nem emocional, entre si, pelo recurso à científica tabela periódica para escolher o nome do país, e pelo uso dos figurinos, perucas, adereços e cenários, que remetem de forma difusa para o século XVII os primórdios da ideia de nação.

Os contrastes, são, aliás, recorrentes ao longo da peça, criando dualidades de racionalidade e irracionalidade, riqueza e pobreza, absurdo e realismo, lagosta e pizza. Para tal contribui a consistência do conjunto das interpretações, realizadas de um modo excessivo, que as aproxima do *clown* ou do teatro de marionetas, das quais o contraponto é a personagem de Pedro Carreira, vestida e interpretada sempre de forma realista e contemporânea, como representação de "o Portugal" cinzento e empobrecido de hoje.

Portugal é o grande tema da peça, que retrata a dúvida secular da nossa viabilidade enquanto país autónomo e autossustentável, que se encena para o estrangeiro sabendo das suas fragilidades: "Temos que dar uma aparência de abundância. Não queremos que eles pensem que casaram com uns pés-rapados!"; mas que tem de se enfrentar de forma depressiva no final de cada ilusão falhada: "Mas o nosso progresso era tão bom! Tínhamos vacas e estrelas! Havia futuro! Tínhamos vacas e cães gordos! E as estrelas brilhavam! Nós já fomos uma grande simulação!"

É, aliás, o aspeto mais fascinante da peça, a forma como parte do conceito de micronações para pensar as nações reais como mistos de racionalidade e irracionalidade, de ilusões e necessidades materiais, enfim, de comunidades imaginadas que afetam de forma real a vida dos indivíduos. Nesse aspeto, o dispositivo dramático é superior à típica solução teatral de usar a família como representação da sociedade, na medida em que a família é uma entidade de natureza diferente das construções artificiais que são as nações, e que Tony Judt sustentava serem as mais modernas e sofisticadas máquinas de promoção humana, mas que hoje tremem perante os regionalismos, os mercados internacionais, as grandes corporações e as identidades individuais cada vez mais difusas.

O espetáculo sofre, contudo, de um certo excesso de ideias, que gera alguma dispersão. E se algumas das metáforas cénicas são notáveis, como o gelado a derreter ao longo da peça, marcando a passagem do tempo e perda das oportunidades, ou a proposta de servir o interior da lagosta aos convidados de casamento, mantendo a sua carapaça como símbolo vazio e inútil, mas inteiro, outras parecem já um pouco forçadas, como a das nádegas de silicone.

Sealand ainda existe, agora com uma vida mais pacata do que nos seus primeiros anos, mas Nióbio morre no final de cada apresentação da peça, com os seus habitantes a olharem os seus antigos conterrâneos portugueses em busca de um gesto, de uma solução para os seus problemas, mas não vendo mais do que gente sentada, que espera, que não faz nada, e que está por sua vez a olhar para outro país, provavelmente também em busca de uma solução para os seus problemas.